

# Adormecida

Castro Alves

Ses longs cheveux épars la couvrent tout entière  
La croix de son collier repose dans sa main,  
Comme pour témaigner qu'elle a fait sa prière.  
Et qu'elle va la faire en s'éveillant demain.

A. DE MUSSET

Uma noite eu me lembro... Ela dormia  
Numa rede encostada molemente...  
Quase aberto o roupão... solto o cabelo  
E o pé descalço do tapete rente.

'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste  
Exalavam as silvas da campina...  
E ao longe, num pedaço do horizonte  
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,  
Indiscretos entravam pela sala,  
E de leve oscilando ao tom das auras  
Iam na face trêmulos — beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago  
Mesmo em sonhos a moça estremecia...  
Quando ela serenava... a flor beijava-a...  
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante  
Brincavam duas cândidas crianças...  
A brisa, que agitava as folhas verdes,  
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava, ora afastava-se...  
Mas quando a via despeitada a meio,  
P'ra não zangá-la... sacudia alegre  
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia  
Naquela noite lânguida e sentida:  
"Ó flor! — tu és a virgem das campinas!  
"Virgem! tu és a flor da minha vida!..."

São Paulo, Novembro de 1868